

# • Nacional

*Câm. Bras*

## NÍVEL DE ATIVIDADE

# Para Cummins, a economia, “nas mãos de Marcílio,” caminha com independência

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

Há duas semanas, a Cummins Brasil Ltda., de Guarulhos (SP), reuniu toda a sua diretoria para traçar os possíveis cenários futuros da evolução da crise política e seu efeito sobre o mercado em que opera. Três hipóteses foram traçadas. Mas todas elas levavam na mesma direção: a economia não deve sofrer reflexos da crise política, pois está caminhando com razoável independência nas mãos do ministro Marcílio Marques Moreira.

“O pré-requisito ideal para os negócios é a estabilidade política e econômica, naturalmente. Mas, nesta crise, estamos vendo uma dissociação, graças à hábil condução da economia pelo ministro Marcílio e sua competente equipe”, disse Kiran Patel, diretor presidente da Cummins. Para ele, esse é um sinal de “maturidade” do País. “Outros países como o Japão e os Estados Unidos também passaram por suas crises políticas. Mas a economia continuou funcionando normalmente mesmo nos episódios de Watergate e Irã-Contras.”

Patel, que voltou recentemente de viagem aos Estados Unidos, afirmou que colheu no exterior uma “imagem positiva sobre o Brasil: a confirmação de que as instituições democráticas estão funcionando”.

A crise, naturalmente, está sendo monitorada dia a dia. “Estamos em câmara ardente”, comparou o diretor de marketing da Cummins, Fernando J. Alves. Mesmo porque há uma rápida sucessão de eventos. Os três cenários traçados há duas semanas permaneceram, mas a probabilidade de cada um foi alterada.

No entanto, ressaltou Alves, como Marcílio “está dando aos empresários uma estabilidade de regras na economia, é possível planejar a médio e longo prazo — o que antes era impossível por causa da ameaça de pacotes”.

Por isso a Cummins está mantendo seus dois planos: “Um olho nos negócios de hoje, isto é, como sobrevi-

ver à recessão, e outro fixado no longo prazo”, definiu Patel.

A adaptação à recessão já começou no ano passado, quando o quadro de pessoal foi reduzido de 1.500 para 1.000 e durante nove meses do ano a jornada semanal de trabalho foi limitada a quatro dias em resposta à queda de 20% do mercado interno e à redução das vendas de US\$ 135 milhões em 1990 para US\$ 101 milhões em 1991.

Para este ano a meta era vender US\$ 135 milhões. Mas ela foi reduzida agora para US\$ 110 milhões, não por causa do mercado interno e sim pela recessão da agricultura norte-americana e mexicana que acabou de levar os compradores a suspender as encomendas de motores do tipo N (14 litros) para equipamentos agrícolas. A Cummins reagiu, decidindo novamente reduzir a jornada semanal de trabalho para quatro dias (ver página 8).

De toda forma, e confiando na estabilidade econômica interna, manteve e até acelerou investimento de US\$ 13 milhões para ampliar a produção de blocos de motores diesel do tipo B de 10 mil para 35 mil unidades, anunciado no ano passado. A previsão era investir os US\$ 13 milhões em dezesseis meses. Segundo Alves, quase tudo já foi aplicado. O aumento da produção será destinado à Cummins norte-americana. Integração mundial sempre foi uma das metas do grupo, sediado nos Estados Unidos.

A Cummins Brasil tem atualmente capacidade para produzir 34 mil motores por ano das séries N, B e K; fabrica quatro tipos de blocos e quatro de cabeçotes de motores, além de bielas e outras peças. Apesar das exportações, a produção de motores equivale a 30% da capacidade.

O mercado interno, depois de ter encolhido 20% no ano passado, está “estabilizado no fundo do poço. Parou de encolher, mas ainda não voltou a crescer”, disse Patel, esclarecendo que, apesar da supersafra, não aumentaram as encomendas de motores para equipamentos agrícolas.